



Jogos cooperativos na educação física: Estratégias para o bem,estar, a cooperação e a aprendizagem Socioemocional: Um relato de experiencia

Physical Education and Cooperative Games: Strategies for Promoting Wellness, Teamwork, and Social,Emotional Development: A Case Study

Recebido: 21/11/2025 | Aceito: 28/11/2025 | Publicado: 05/01/2026
DOI: 00.000.0000/000

Estêvão Veiga Rebello ¹; Fabio Vinicius Mendes Pereira ¹; Harrisson Douglas Dos Santos Vieira ¹; Ícaro Israel De Oliveira Duk ¹; Welton Douglas Gois De Sousa ¹; Maria Regiane Ferreira da Silva ²; Davy da Silva Mendes²; Joaquim Albuquerque Viana²; Alessandra Bárbara César de Freitas Boaventura²; Gleiser Barroso Barbosa².

¹Acadêmico do Curso de Educação Física – UniNorte

²Docente do Curso de Educação Física – UniNorte

Resumo

A Educação Física contemporânea tem ampliado significativamente sua função no contexto escolar, superando abordagens meramente tecnicistas para assumir perspectivas pedagógicas que valorizam dimensões sociais, afetivas e culturais do movimento humano. Nesse cenário, os Jogos Cooperativos emergem como importante ferramenta formativa, orientados pelo desenvolvimento de valores como solidariedade, empatia e responsabilidade coletiva, contrapondo, se à lógica competitiva predominante nas práticas esportivas tradicionais. Essa compreensão dialoga com Bardin (2011), ao reconhecer a ludicidade como processo formativo capaz de promover aprendizagens significativas, e com Vygotsky (1991), cujo referencial destaca a construção do conhecimento e das interações humanas por meio das vivências grupais. Partindo dessa concepção, o presente relato de experiência analisou o uso dos Jogos Cooperativos como estratégia pedagógica para o desenvolvimento integral dos estudantes, enfatizando aspectos socioemocionais, culturais e inclusivos. Considerou, se, para isso, a perspectiva de Goleman (2012), que compreende a aprendizagem socioemocional como competência fundamental para o convívio humano. A intervenção foi estruturada à luz da Pesquisa, Ação, desenvolvida por meio de oficinas pedagógicas organizadas em etapas de execução, mediação e avaliação, conforme orienta Thiollent (2011), permitindo constante diálogo entre prática e reflexão e favorecendo a ressignificação das experiências vividas pelos estudantes. Nesse processo, adotou, se ainda o princípio da Inclusão, respaldado em Sassaki (1997), concebendo cada participante como sujeito de direitos, independentemente de suas habilidades motoras ou condições socioculturais. As intervenções foram mediadas pelo método de círculos reflexivos (debriefing), possibilitando a transformação das vivências lúdicas em aprendizagens críticas e em construção de vínculos, ampliando a percepção dos estudantes sobre si mesmos e sobre o coletivo. O trabalho foi conduzido por equipe multidisciplinar de discentes, com divisão de funções e responsabilidades, assegurando rigor metodológico e coerência entre planejamento e execução, bem como documentação sistemática da experiência. Assim, compreende, se que a aplicação intencional dos Jogos Cooperativos potencializa o desenvolvimento socioemocional dos estudantes e reafirma o papel formativo da Educação Física como espaço de transformação social e promoção de práticas inclusivas. Nesse sentido, este estudo evidencia a relevância dos processos lúdicos na construção da cidadania e no fortalecimento das relações sociais, contribuindo para o vínculo entre universidade, escola e comunidade.

Palavras,chave: Jogos Cooperativos; Educação Física; Aprendizagem Socioemocional; Inclusão Social; Pedagogia Transformadora.

Abstract

Contemporary Physical Education has significantly expanded its role within the school context, moving beyond merely technicist approaches to embrace pedagogical perspectives that value the social, affective, and cultural dimensions of human movement. In this context, Cooperative Games emerge as an important formative tool, oriented toward the development of values such as solidarity, empathy, and collective responsibility, in contrast to the competitive logic traditionally found in sports practices. This understanding aligns with Bardin (2011), who recognizes playfulness as a formative process capable of promoting meaningful learning, and with Vygotsky (1991), whose theoretical framework emphasizes the construction of knowledge and social interactions through group experiences. Based on this conception, the present experience report analyzed the use of Cooperative Games as a pedagogical strategy for the integral development of students, emphasizing socio, emotional, cultural, and inclusive aspects. For this purpose, Goleman's (2012) perspective was considered, which understands socio, emotional learning as a fundamental



competence for human coexistence. The intervention was structured according to the principles of Action Research, developed through pedagogical workshops organized in stages of execution, mediation, and evaluation, as proposed by Thiollent (2011), allowing constant dialogue between practice and reflection and promoting the reframing of students lived experiences. In this process, the principle of Inclusion was also adopted, supported by Sassaki (1997), conceiving each participant as a subject of rights, regardless of motor abilities or sociocultural conditions. The interventions were mediated through reflective, circle strategies (debriefing), enabling the transformation of playful experiences into critical learning and the construction of bonds, broadening students' perceptions of themselves and of the collective. The work was conducted by a multidisciplinary team of undergraduate students, with division of functions and responsibilities, ensuring methodological rigor and coherence between planning and execution, as well as systematic documentation of the experience. Thus, it is understood that the intentional use of Cooperative Games enhances students' socio, emotional development and reaffirms the educational role of Physical Education as a space for social transformation and the promotion of inclusive practices. In this sense, this study highlights the relevance of playful processes in the construction of citizenship and in the strengthening of social relations, contributing to the connection between university, school, and community.

Keywords: Cooperative Games; Physical Education; Socio,Emotional Learning; Social Inclusion; Transformative Pedagogy.

1. Introdução

A Educação Física, historicamente marcada pela hegemonia de modelos centrados na aptidão física e no rendimento esportivo, encontra, se, atualmente, em um processo de ressignificação epistemológica e pedagógica. Busca,se, cada vez mais, consolidar práticas que ultrapassem a lógica tecnicista, orientando a área para uma formação cidadã e humanizada. O problema que sustenta a presente intervenção reside na persistência de modelos excludentes tanto no ambiente escolar quanto na comunidade, nos quais a competitividade exacerbada produz silenciamentos, reforça desigualdades e marginaliza sujeitos considerados menos aptos. Nesse cenário, a concepção de “Cultura de Movimento”, conforme discutida por Betti (2009), propõe compreender o movimento humano para além do gesto mecânico, incorporando sentidos, significados e narrativas que contribuam para a inclusão, para a reflexão crítica e para a emancipação social.

A relevância acadêmica e social deste relato de experiência justifica, se pela urgência de práticas pedagógicas alinhadas às demandas contemporâneas de convivência ética, respeito à diversidade e construção coletiva do conhecimento. Fundamentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), que orienta a educação para o pleno desenvolvimento humano e para o exercício da cidadania, este estudo adota os Jogos Cooperativos como eixo metodológico central. Segundo Terry Orlick (1989), precursor desta abordagem, a transição de uma lógica de “jogar contra” para uma lógica de “jogar com” constitui elemento essencial para o desenvolvimento da autoestima, da confiança mútua e do reconhecimento do outro. No contexto brasileiro, Brotto (2001) afirma que a cooperação não se opõe necessariamente à competição, mas representa uma pedagogia necessária para a convivência democrática, transformando o medo do fracasso na alegria de compartilhar conquistas.

Esse entendimento dialoga diretamente com as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatizam o desenvolvimento da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos e da responsabilidade social. Além disso, o trabalho fundamenta, se nas dimensões dos conteúdos propostas por Darido (2012), em especial a dimensão atitudinal, que valoriza normas, atitudes e valores associados ao respeito, à solidariedade e à ética nas práticas corporais. Também atende às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) da formação em Educação Física, que orientam o futuro profissional a intervir criticamente na realidade social, aproximando, se dos pressupostos freireanos de autonomia e protagonismo do educando (FREIRE, 1996), entendido como sujeito histórico capaz de atuar na transformação da realidade.

Diante desse arcabouço teórico e normativo, o objetivo geral da intervenção foi utilizar os Jogos Cooperativos como ferramenta pedagógica em atividades da Educação Física escolar, visando estimular hábitos saudáveis, favorecer a cooperação e ampliar a aprendizagem socioemocional, contribuindo para a transformação social e para o fortalecimento da integração entre universidade, escola e comunidade.

A reflexão crítica sobre a intervenção revela que a articulação entre teoria e prática extensionista constitui elemento essencial na formação profissional, sobretudo porque coloca o acadêmico diante de situações reais de ensino, exigindo posicionamentos éticos, adaptações metodológicas e compreensão sensível das relações sociais presentes no cotidiano escolar. Ao mediar experiências em que o sucesso coletivo se sobrepõe ao individual, o acadêmico desloca seu papel de mero instrutor técnico para assumir a condição de educador social. Assim, a vivência aqui relatada demonstra empiricamente que a Educação Física pode constituir, se como potente espaço de humanização, capaz de fomentar redes de solidariedade, promover inclusão e fortalecer práticas pedagógicas comprometidas com uma educação emancipadora dentro e fora do ambiente escolar.

2. Metodologia

A ação extensionista foi realizada no dia 14 de novembro de 2025, no período matutino (08h00 às 10h30), no ginásio da Escola Estadual Deputado Josué Cláudio de Souza, situada na Rua Minduri, Conjunto Canaã, bairro Alvorada, Manaus – AM (CEP 69048,610). Trata-se de um espaço esportivo coberto e institucionalmente reconhecido pela oferta de atividades corporais à comunidade escolar. A intervenção foi conduzida por uma equipe de seis acadêmicos de Educação Física, responsáveis pela mediação das práticas corporais junto ao público participante, composto por 13 estudantes do Ensino Médio. Estes adolescentes, em fase de consolidação de identidade e desenvolvimento socioemocional, apresentaram alto engajamento nas atividades, aspecto favorecido pela estrutura física do local e pela proposta metodológica adotada.

O desenho metodológico esteve orientado pelos pressupostos da pesquisa, ação, centrado na participação ativa dos sujeitos e na construção coletiva da aprendizagem. O repertório de atividades foi elaborado com o propósito de desconstruir a lógica competitiva hegemônica e fomentar experiências cooperativas a partir de adaptações pedagógicas do Futsal. Inicialmente, implementou-se a dinâmica denominada “Futsal de Mãos Dadas”, que exigiu interdependência física entre os participantes, comunicação não verbal e sincronização motora, possibilitando vivências relacionadas à confiança, à escuta e ao respeito ao ritmo do outro.

Na sequência, foi aplicado o “Futsal das Quatro Metas”, cujo objetivo metodológico consistiu em estimular a descentralização do jogo, a tomada de decisão coletiva e a organização tática compartilhada. A distribuição de quatro gols na quadra provocou deslocamentos diferenciados, planejamento simultâneo de ataque e defesa e ampliação do campo perceptivo, exigindo colaboração constante entre os membros da equipe para que a ação fosse bem-sucedida.

Por fim, como etapa de síntese e aprofundamento dos princípios cooperativos, desenvolveu-se o “Futsal Adaptado 3x3”, em quadra reduzida, com a regra denominada “Passe Total”, a qual determinava que o gol somente seria validado se a bola passasse anteriormente pelos três integrantes da equipe. Tal adaptação buscou eliminar a exclusão técnica, assegurar o contato equânime com a bola e promover a participação efetiva de todos os estudantes na construção das jogadas. O envolvimento dos 13 participantes demonstrou elevada aceitação da proposta, indicando a potência dos jogos adaptados para estimular colaboração, corresponsabilidade e desempenho coletivo, corroborando a relevância pedagógica dos Jogos Cooperativos como ferramenta formativa no contexto escolar.

3. Resultados e Discussões

A análise dos dados coletados ao longo das Oficinas Pedagógicas evidenciou uma transformação progressiva e multifacetada na dinâmica grupal, permitindo a organização dos resultados em três eixos centrais: ressignificação da competição, inclusão como prática efetiva e desenvolvimento da inteligência emocional. Inicialmente, observou-se forte resistência dos



participantes em engajar, se em atividades sem distinção explícita entre “vencedores” e “perdedores”, característica que reflete o que Betti (2009) descreve como hegemonia do esporte de rendimento, historicamente consolidada nas aulas de Educação Física. Contudo, à medida que os jogos cooperativos foram introduzidos gradualmente, associados à mediação reflexiva e às adaptações pedagógicas, tornou-se possível romper com tal paradigma. Notou-se uma mudança perceptível do “jogar contra” para o “jogar com”, validando a noção de “interdependência positiva” defendida por Broto (2001), segundo a qual o sucesso coletivo somente se concretiza mediante a participação ativa de todos.

No que diz respeito à inclusão social e motora, os resultados foram expressivos. A adoção de estratégias de adaptação técnica, aliada ao monitoramento de segurança, permitiu que sujeitos historicamente marginalizados nas aulas de Educação Física, por limitações motoras, timidez ou baixa autoconfiança, assumissem papéis de maior visibilidade e protagonismo durante as atividades. As evidências registradas nos diários de campo e nos registros audiovisuais revelaram que a supressão da eliminação (ninguém sai do jogo) ampliou substancialmente o tempo de engajamento motor de todo o grupo. Conforme argumenta Sasaki (1997), inclusão não deve ser compreendida como concessão ou benevolência, mas como direito e reestruturação do ambiente social. Assim, a experiência demonstrou que, quando o ambiente é planejado para acolher a diversidade, a deficiência ou a inabilidade técnica deixam de ser fatores de exclusão e passam a constituir elementos legítimos de pluralidade.

A dimensão socioemocional, estimulada e potencializada pelos Círculos de Reflexão (Debriefing), apresentou resultados qualitativos de grande relevância. Conflitos emergentes no decorrer das atividades foram convertidos em aprendizagens sobre empatia, respeito e regulação emocional. Relatos dos próprios estudantes mencionaram maior capacidade de controle emocional, evidenciando as premissas de Goleman (2012), segundo as quais a alfabetização emocional constitui competência basilar para o convívio social. A prática da roda de conversa, conforme propõe Orlick (1989), configurou-se como espaço seguro para a expressão de sentimentos e construção de vínculos de confiança. Sob a ótica sociointeracionista de Vygotsky (1991), tais trocas discursivas funcionaram como mediadoras simbólicas responsáveis pela interiorização de valores éticos e pela ampliação da consciência coletiva.

Ainda assim, o processo não esteve isento de desafios. A gestão da ansiedade de estudantes altamente competitivos demandou intervenções constantes, além de firme posicionamento da equipe mediadora acerca dos princípios éticos da atividade, reforçando a importância da dimensão atitudinal dos conteúdos, conforme enfatiza Darido (2012). A superação dessas dificuldades só foi possível graças ao vínculo estabelecido com a instituição parceira e à articulação comunitária, que garantiram legitimidade ao projeto diante da escola e das famílias.

A repercussão social extrapolou o espaço físico das oficinas, uma vez que o vínculo entre universidade e comunidade se fortaleceu e resultou na demanda pela continuidade das atividades. Nesse sentido, a experiência reafirma que a Educação Física, quando alinhada a uma práxis crítica e dialógica, conforme Freire (1996), é capaz de constituir-se como dispositivo de transformação social, contribuindo para a construção de redes de solidariedade e para a produção de alternativas educativas ao individualismo e à violência simbólica presentes no cotidiano escolar. Desse modo, os resultados apontam que os jogos cooperativos transcendem o caráter metodológico, constituindo-se como uma verdadeira tecnologia social de humanização e formação cidadã.

4. Considerações Finais

As considerações finais deste relato sintetizam a principal contribuição da experiência, a saber: a validação dos Jogos Cooperativos como uma tecnologia social capaz de promover formação humana, cidadã e inclusiva no âmbito escolar. A principal inovação metodológica diz respeito à utilização do Círculo de Reflexão (Debriefing) como instrumento mediador para o desenvolvimento da inteligência emocional, demonstrando que a aprendizagem não se restringe ao campo motor, mas envolve dimensões subjetivas e éticas que ampliam a compreensão dos estudantes acerca de si mesmos e do coletivo.



A vivência extensionista proporcionou aos acadêmicos envolvimento crítico, amadurecimento profissional e deslocamento de uma formação centrada exclusivamente no domínio técnico para uma práxis fundamentada na reflexão, no diálogo e na intervenção social. Correspondendo às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação em Educação Física, a intervenção exigiu dos discentes competências interdisciplinares, tais como mediação de conflitos, comunicação assertiva, adaptação pedagógica e sensibilidade cultural, consolidando a interdependência positiva como princípio estruturante das relações educativas.

Apesar dos resultados expressivos, reconhece, se como limitação o curto período de intervenção, o que impossibilita a mensuração longitudinal dos impactos formativos observados. Como desdobramento futuro, sugere, se a ampliação do tempo de aplicação, bem como a realização de estudos longitudinais capazes de avaliar a sustentabilidade das competências socioemocionais, a permanência das atitudes colaborativas e a expansão da metodologia para outros componentes curriculares.

Conclui, se que a experiência reafirma o compromisso do profissional de Educação Física com uma educação crítica, democrática e transformadora, evidenciando que o esporte, quando orientado por princípios cooperativos e humanizadores, pode constituir, se como potente instrumento de emancipação social e de fortalecimento dos vínculos entre escola, universidade e comunidade.



Referências Bibliográficas

BARDIN, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

BROWN, G. (1994). *Jogos Cooperativos: teoria e prática*. CEPEUSP.

GOLEMAN, D. (2012). *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Objetiva.

OLIVEIRA, V. B. de. (2017). *O brincar e a criança: o significado do jogo e da brincadeira no desenvolvimento infantil*. Vozes.

SASSAKI, R. K. (1997). *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. WVA.

SOARES, C. L. (2007). *Educação Física: raízes europeias e o Brasil*. Autores Associados.

THIOLLENT, M. (2011). *Metodologia da pesquisa, ação* (18. ed.). Cortez.

VYGOTSKY, L. S. (1991). *A Formação Social da Mente: o papel dos processos culturais no desenvolvimento cognitivo* (4. ed.). Martins Fontes.

BETTI, Mauro: Para o conceito de "Cultura de Movimento".

ORLICK, Terry: O "pai" dos jogos cooperativos (visão internacional).

BROTTO, Fábio: A principal referência brasileira em Jogos Cooperativos.

DARIDO, Suraya: Referência em didática da EF e dimensões do conteúdo (conceitual, procedimental e atitudinal).

FREIRE, Paulo: Para a base filosófica de autonomia e educação transformadora.

Legislação: LDB 9.394/96 (Base legal da educação).